

## NARRATIVAS À BEIRA DO LEITO: RELATO RELIMINAR DE DISSERTAÇÃO.

EDGAR SIQUEIRA DO NASCIMENTO ; VANESSA RAMOS DE OLIVEIRA SOUZA;  
ISADORA NASCIMENTO SAVI; THIAGO NOGAI; LEANDRO MOREIRA  
HERNANDES JUNIOR; DENISE MARCOS BUSSOLETTI

*Universidade Federal de Pelotas - edgar.nascimento@hotmail.com*  
*Universidade Federal de Pelotas - vanessaa97@hotmail.com*  
*Universidade Federal de Pelotas – isadoransavi@gmail.com*  
*Universidade Federal de Pelotas – thiagonogai@gmail.com*  
*Universidade Federal de Pelotas – leehmore30@gmail.com*  
*Universidade Federal de Pelotas – denisebussoletti@gmail.com*

### 1. INTRODUÇÃO

Há antropólogos e filósofos como Abreu (2011, s/p) que afirmam que os seres humanos são narradores e contadores natos de história. Ao viajar pela linha do tempo, temos a projeção imagética de nossos antepassados, agrupados em volto de brasidos, partilhando histórias e vivências. Criando anedotas com a finalidade de buscar explicações para situações até então inexplicáveis e repletas de mistérios. Segundo a Professora biletrista Edil Silva Costa (2015) é desta maneira que os povos constituem suas identidades, perpetuando histórias e transmitindo-as entre as gerações. É esse mecanismo mantenedor que dá significado e sentido para vivências e atos através da memória.

Esse estudo preliminar surge de um anteprojeto de mestrado para o Programa de Pós Graduação em Educação. Tem a finalidade de refletir sobre a ausência de processos formativos mais contundentes na formação médica. Questões indissociáveis para educadores Práxis do dia a dia na relação Professor/Médico x Aluno para os anos iniciais. Bem como a relação Aluno/Médico x Paciente para os anos intermediários e finais.

Destaca-se o Núcleo de Arte, Linguagem e Subjetividade (NALS) e o PET Fronteiras: Saberes e Práticas Populares, (esse último ao qual faço parte), como importantes fomentadores da construção de espaços outros de memórias populares e vivências de narrativas. Amparados em obras de (Camillo 1550), (Oiticica, 1960-70).

Enfim, eu como Historiador, Pedagogo e Acadêmico de Medicina, em minhas reflexões diárias faço eco com os que também se perguntam: Estamos perdendo a capacidade de contar histórias? Estamos perdendo a capacidade de ouvir histórias?

Certamente são questões que se debruçam nas vivências cotidianas e apoiadas teoricamente em Walter Benjamin (1987,p.197) ao reafirmar que: A experiência e a arte de narrar está em vias de extinção!

## 2. METODOLOGIA

Inicio essa reflexiva parafraseando o Professor da UFPel Dr. Felipe da Silva Martins, também anterior membro do PET Fronteiras do qual faço parte e fiz referência e do Grupo de Pesquisa em Arte, Linguagem e Subjetividade ligado a este Programa em Educação. Felipe em seu anteprojeto de Mestrado em 2015, questionava “Como ter vivo o respeito ético com seres humanos que não são somente objetos de nossos trabalhos de pesquisa, mas sim sujeitos que por muitas vezes caminham conosco lado a lado na árdua jornada de pesquisa acadêmica? Como compreender uma outra possibilidade de ação docente que envolva os saberes e a teoria, sem que um esteja em desmerecimento do outro?”. Assim como Martins, pauto-me pela pergunta mais do que pela convicção de uma única e exata resposta que será encontrada. Busco fundamentalmente a constituição da possibilidade de espaços médicos e educativos onde a expressão das Narrativas dos Pacientes possam ser acolhidas.

Proponho a Etnografia Surrealista descrita e trabalhada por Clifford (2001, p.81) como metodologia para a condução desta pesquisa. Pela convicção da mesma como um potente instrumento no sentido de referenciar os rumos desta pesquisa, bem como o pesquisador em sua atuação em campo.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O indivíduo enfermo carece da momentânea de compartilhar a trajetória de sua doença, credices, bem como características e fatos que se julga integrado a sua moléstia. A Medicina prévia a esta contemporânea não possuía tantos arcaibouços

tecnológicos, dificultando e limitando certas terapêuticas diagnósticas. Por consequente, restava-lhe a paciência para ouvir e interrogar o paciente de maneira a fomentar hipóteses e condutas. Ressalta-se que pacientes não demonstram confiabilidade em médicos que não os ouve, não se atentam as suas trajetórias, não olhem em seus olhos e são apáticos em relação aos seus sentimentos, mesmo que, a medicina atual apresente diversos recursos tecnológicos. (Souza; Gomes 2010)

É de conhecimento irrefutável que, o relacionamento Paciente - Médico, participa e interfere diretamente na tomada de decisões, condutas e adesão ao bom tratamento. Nesse sentido, cabe reorganiza-se o contexto da medicina baseada em evidências, ao contexto individualizado e singular do paciente. Afinal, são histórias únicas, essenciais que precisam ser ouvidas e narradas.

Emergindo a necessidade de buscar aproximar a relação médico-paciente, de forma que esse último seja observado em sua totalidade, faz-se necessário abordar e explorar temáticas importantes como a Medicina Centrada na Pessoa em forma de Medicina Baseada em Narrativas. E nesse contraponto, (PORTO, 2004) vai dizer que: Sem qualidades humanas - integridade, respeito e compaixão - é impossível cuidar dos doentes. [...] As qualidades humanas formam o principal alicerce da medicina dos doentes e estão estreitamente relacionadas com princípios bioéticos.

A premissa da Medicina Centrada na Pessoa através de narrativas, tem início no momento em que o ouvinte se torna empático e compassivo para compreender e conhecer os mais diversos aspectos que permeiam o ser humano.

#### **4. CONCLUSÕES**

Desse modo, convergindo com uma abordagem que aproxime os campos da saúde e da educação, proponho o enfoque e o aprofundamento nas Narrativas e Histórias de Pacientes atendidos por mim, enquanto Estudante de Medicina, problematizando ao mesmo tempo o meu próprio processo formativo neste processo. A proposta é transitar no sentido da escuta de vozes não habitualmente ouvidas pelos saberes médicos. Vozes com diversos contextos culturais, sociais, participantes do processo de fragmentação das memórias individuais e coletivas, obviamente reflexos também da sociedade como um todo. Ressignificando objetos, sujeitos e focos de pesquisa. Rompendo grade, quebrando vidraças e revelando que o novo também é lugar de opção, tal como fala Bussoletti (2007, p.108)

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Luís Alberto de. **A personagem contemporânea: uma hipótese**. Revista Sala Preta. São Paulo, USP, v. 1, p. 61-7, 2001.

ABREU, Luís Alberto de. **A restauração da narrativa**. In: **Luís Alberto de Abreu: um teatro de pesquisa**. Organização de Adélia Nicolete. São Paulo: Perspectiva, 2011, p. 599-610.

ABREU, Márcio. **MARÉ/PROJETO BRASIL**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2016.

ARROYO, Miguel G. **Outros Sujeitos, Outras Pedagogias**. Petrópolis: Vozes,

BENJAMIN, W. **O Narrador Magia Técnica, Arte e Política**. Editora: Brasiliense, 1936.

BHABHA, Homi. **O Local da Cultura**. 2ª ed. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2013.

BOAL, A. **A estética do oprimido**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009

BUCK-MORSS, S. **Dialética do olhar: Walter Benjamin e o projeto das Passagens**. Trad. Ana Luiza de Andrade. Belo Horizonte: Editora UFMG; Chapecó/SC: Editora Universitária Argos, 2002.

BUSSOLETTI, D. M. **Leituras em Dramaturgia Teatral para Diversidade**. Pelotas: Editora UFPEL, 2012.

BUSSOLETTI, Denise Marcos. **Infâncias Monotônicas - Uma rapsódia da Esperança - Estudo psicossocial cultural crítico sobre as representações do outro na escrita de pesquisa**. Porto Alegre, 2007. Tese (Doutorado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

BUSSOLETTI, Denise Marcos. **Narrativas populares**. Brasília, DF: Conselho Nacional de Pesquisa. 2008.